

Vincenzo Di Matteo*

Heidegger e Freud: clareira e cegueira?

A ocultação não é antítese de uma consciência, ela pertence à clareira. Freud não viu esta clareira [...]¹.

é perigoso não somente para os homens, mas também para os conceitos, arrancá-los da esfera em que se originaram e desenvolveram.²

Os dois pequenos textos, retirados dos pensadores que queremos confrontar, alertam-nos para as divergências, dificuldades, ambigüidades e até possíveis equívocos inerentes a um tal empreendimento. Mesmo assim, o subtítulo da Comunicação é, evidentemente, apenas uma provocação retórica. Nem Heidegger e os filósofos que se identificam com seu pensamento, nem Freud e os psicanalistas concordariam com uma distribuição tão maniqueísta do poder explicativo-compreensivo de suas respectivas teorias na tentativa de lançar alguma luz sobre a enigmática existência humana. A clareira de Heidegger “nunca é mera clareira, mas sempre clareira do esconder-se”³, nem a cegueira de Freud é tão completa a ponto de nada enxergar.

Entre assumir a provocação, defendendo, numa atitude apologética, um ou outro dos dois discursos ou cair na tentação de um ecletismo apaziguador, resta sempre a possibilidade de um trabalho hermenêutico para compreender as razões de cada um.

A relevância do tema

Entre os numerosos filósofos que se bateram com Freud no século XX, se destaca a figura de M. Heidegger tanto pela profunda e ampla incidência de seu pensamento na filosofia de século que passou, quanto pela ‘desconstrução’ impiedosa que

* Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia da UFPE.

opera da psicanálise freudiana. É verdade que, por certos aspectos, sua filosofia do *Dasein* pode ser aproximada do descentramento do sujeito operado pela psicanálise. De uma maneira mais radical, porém, o filósofo alemão considera que a descrição freudiana do aparelho psíquico ainda é prisioneira da 'metafísica da subjetividade' que herdamos da modernidade.

Motivos para uma aproximação do pensamento de Heidegger com o de Freud, portanto, não faltam. Uma razão, de natureza mais teórica, permite situar as eventuais convergências na tradição das críticas à concepção do sujeito moderno. Uma segunda, mais prático-clínica, decorre do fato de que a metapsicologia freudiana do inconsciente e a analítica do *Dasein* fundaram e inspiraram duas práticas 'clínicas' (a psicanalítica e a *daseinanalysis*). Uma terceira, menor, talvez, mas de fundamental relevância acadêmica, é dar continuidade a um 'diálogo produtivo' que se estabeleceu entre Filosofia e psicanálise, considerando que há várias problemáticas que se encontram e desencontram no terreno comum da antropologia, da ética e da cultura. Por fim, a razão certamente mais relevante é determinar se e até que ponto a metapsicologia freudiana e a ontologia fundamental de Heidegger, nos podem ainda ajudar a responder aos eternos e novos desafios da Esfinge: quem ou o que é esse ser tão profundamente marcado pela corporalidade, temporalidade e finitude?

Objetivos

Os objetivos que nos propomos, portanto, são fundamentalmente:

- Registrar e avaliar criticamente o pensamento de Heidegger com relação à psicanálise freudiana.
- Determinar em que sentido a teorização psicanalítica seria devedora da metafísica da subjetividade objetivada e quais seriam esses conceitos metafísicos que sustentam o discurso metapsicológico e clínico da psicanálise freudiana.
- Identificar as semelhanças e diferenças entre uma análise do psiquismo e uma analítica do *Dasein*.

- Interrogar-nos pelo destino dessas duas construções teóricas para explicar e interpretar o ser humano.

Delimitação do tema

Para atingir esses objetivos precisaríamos rastrear, analisar, compreender, interpretar e sistematizar os textos da bibliografia primária e da literatura secundária sobre a nova compreensão do homem subjacente à metapsicologia e prática clínica freudiana e ao *Dasein* heideggeriano.

Isso implica tanto reconstruir geneticamente o pensamento de Freud, na sua tentativa de explicar a estrutura e funcionamento do ‘aparelho psíquico’, do método de investigação do inconsciente e das técnicas terapêuticas, quanto o do chamado Heidegger 1 e 2, respectivamente, na sua descrição dos modos originários do *Dasein* e dos destinamentos da *acontecência* do ser, visando substituir o modo de pensar metafísico por um ‘novo pensar’, pós-metafísico e pós-científico.

Considerando, porém, a extensa produção intelectual tanto de Freud como de Heidegger, as várias inflexões das idéias dos dois pensadores e o tempo reduzido para analisá-las e confrontá-las adequadamente, tentaremos explorar as razões que nos levaram a aproximar os dois pensadores, partindo fundamentalmente da análise dos *Seminários de Zollikon*, um livro nascido de uma série de seminários ministrados por Heidegger em Zollikon (Suíça) a partir do convite do psiquiatra Medard Boss, nos quais direta ou indiretamente o filósofo confronta o seu ‘Dasein’ com o ‘erro fatal’ de Freud ao assumir a distinção entre o consciente e o inconsciente.

Limitaremos nossa análise, porém, apenas aos *Seminários* mantidos na casa de Boss, deixando propositalmente de lado os Diálogos e a correspondência entre os dois amigos.⁴

Nesses *Seminários*, não somente encontramos o pensamento maduro de Heidegger, como também o testemunho vivo da paixão com a qual confrontou seu pensamento com as chamadas ‘ciências humanas’, de modo particular com as que poderíamos chamar de ciências ‘psi’: psiquiatria, psicanálise, psicologia. As críticas à psicanálise, portanto, devem ser situadas e compreendidas no horizonte mais amplo das críticas

dirigidas à ciência moderna, em geral, e às ciências médicas e psicológicas, em particular.⁵

Divisão

Desdobrarei minha apresentação em quatro momentos:

- Situando o encontro de Heidegger com o pensamento de Freud no contexto da ‘geopsicanálise’;
- Registrando as críticas específicas dirigidas à psicanálise;
- Avaliando essas críticas;
- Perguntando pelo destino dessas duas heranças.

Heidegger e a ‘geopsicanálise’

Com o termo ‘geopsicanálise’ proposto por Derrida se entende os modos específicos de implantação da psicanálise nas diversas partes do mundo.⁶ Nesse sentido, o encontro de Heidegger com a psicanálise pode, talvez, melhor ser compreendido tendo presente o destino peculiar da psicanálise na geografia de língua alemã durante a primeira metade do séc. XX. Depois do ‘esplêndido isolamento’ nos primeiros anos do século passado, a psicanálise encontra sua primeira ‘terra prometida’ na Suíça de língua alemã (Bleuler, Jung, Bisnwanger, Max Eitingon, K. Abraham). A segunda foi a Alemanha com a fundação da Associação Psicanalítica de Berlim, em 1908. “Sem o advento do nazismo, que esvaziou da quase totalidade de seus intelectuais e eruditos, a Alemanha teria sido o mais poderoso país de implantação da psicanálise”⁷. Não foi, porém, somente o nazismo a ‘queimar’ a obra de Freud. A própria psiquiatria alemã e filósofos de renome como Husserl e Jaspers mostraram-se bastante críticos com relação a ela. É preciso esperar o fim da segunda guerra para que a psicanálise alemã possa reerguer-se numa Alemanha dividida em torno do Instituto Freud e do Instituto de Pesquisa Social, em Frankfurt e não mais em Berlim.

Não é de estranhar, portanto, se a mediação de Heidegger com a psicanálise se dará mais pela Suíça germânica. À Socieda-

de Suíça de Psicanálise, pertenceram desde sua fundação, em 1919, dois psiquiatras e psicanalistas cujos nomes estiveram atrelados de alguma maneira ao nome e pensamento de Heidegger: Binswanger e Medard Boss e foi especialmente através desse último que se deu uma aproximação mais direta com a psicanálise na medida em que o psiquiatra-psicanalista suíço vislumbrava no pensamento de Heidegger “*insights* fundamentalmente novos e inauditos no existir humano e seu mundo”⁸ e o filósofo “via a possibilidade de que seus *insights* filosóficos não ficassem limitados às salas dos filósofos, mas pudessem beneficiar um número muito maior de pessoas e, principalmente, pessoas necessitadas de ajuda”.⁹

Essa convicção está registrada, por exemplo, na seguinte passagem dos *Seminários* quando, ao tratar do tema da temporalidade, Heidegger se dirige a seus ouvintes com as seguintes palavras: “Esta questão é de especial interesse pra os senhores, como psicoterapeutas, pois a questão do quê, quem e como é o homem, e isto significa ao mesmo tempo o homem de hoje, é de importância fundamental”.¹⁰

Sem perder de vista o diálogo que Heidegger mantém também com psiquiatras e psicólogos em geral, tentaremos fazer uma sintonia fina para captar especificamente aquele que mantém com Freud e com a psicanálise na sua vertente teórico-clínica.

Sabemos que o filósofo alemão leu Freud.¹¹ Conhece suficientemente alguns temas específicos abordados explicitamente, tais como: atos falhos, representação, terapia, transferência, afeto, recalque, pulsão, libido, instâncias psíquicas (id, ego, superego), resistência. Utiliza-se desse “último conceito”, por exemplo, para explicar as críticas que lhe são dirigidas pelos participantes dos Seminários, em março de 1966:

No início do seminário o Prof. Boss comparou as sessões de seminário como uma espécie de terapia de grupo que possibilitaria uma visão mais livre, um deixar ver mais adequado da constituição humana. No decorrer de uma tal terapia de grupo surgiriam, como uma análise freudiana, resistências que se dirigiriam contra a libertação.¹²

Apesar de uma certa familiaridade com a terminologia psicanalítica freudiana, desconhece, porém, a releitura numa

perspectiva linguística que Lacan estava realizando na década de cinquenta, ao levantar a bandeira de um *retorno a Freud*, a despeito de várias tentativas do psicanalista francês em estabelecer um diálogo e uma amizade com o filósofo alemão.¹³ A leitura heideggeriana, fundamentalmente, é a que predominou na tradição fenomenológica até a década de sessenta com seu “sim” ao método psicanalítico e seu “não” à doutrina (teoria). Essa postura se evidencia, por exemplo, quando Heidegger, apesar de criticar a metapsicologia freudiana, exclama: E o estranho é que isto realmente funciona! Mas será que esse resultado é algo inteligente? Isto confere com a realidade?”¹⁴

Mas, quais são, afinal, as críticas mais diretas e recorrentes nos *Seminários*?

As críticas

Uma visão geral

Segundo Heidegger, a teoria freudiana é perpassada por um determinismo de origem metafísica e, conseqüentemente, será submetida a uma desconstrução parecida com a da metafísica. A despeito de Freud querer substituir a metafísica pela sua metapsicologia de caráter científico, ele ainda é prisioneiro da metafísica ocidental. Como, aliás, a própria ciência cujos fundamentos não tematizados continuam de natureza metafísica. A crítica à psicanálise, portanto, insere-se dentro de uma crítica à ciência e à técnica que, por sua vez, faz parte de um projeto mais amplo de desconstrução da própria metafísica, mas que assume características diferentes. No Heidegger de *Ser e Tempo* ocupado com a descrição de uma analítica do *Dasein* e uma ontologia fundamental, a desconstrução consiste em mostrar como os conceitos que se encontram na metafísica, na ciência moderna, na metapsicologia freudiana podem ser reconduzidos a modos mais originários do ser do *Dasein*. Já no Heidegger posterior, a desconstrução se dá ao mostrar que a metafísica dominante nas várias épocas é um “destinamento” do ser, um apelo ao homem dirigido pelo próprio ser. O último desses destinamentos ou chamamento do ser é a compreensão do ente como técnica calculadora, atingindo o próprio *Dasein*, destinatário dos destinamentos, que corre o risco de ser objetivado e perder-se numa cadeia indefinida de produtos.

As críticas específicas

Não seguiremos a “ordem das matérias”, isto é, a ordem de aparição seqüencial das críticas, mas a que poderíamos chamar a “ordem das razões”, iniciando com uma diferença essencial entre o que pode se entender com psicanálise e *Dasainanalyse*. Ao comparar sua analítica do *Dasein* com a análise freudiana, Heidegger instaura um diálogo com seus ouvintes que passamos a transcrever:

H: O que Freud entende quando ele fala em análise?
Este esclarecimento eu espero dos senhores.

P: Freud quer significar a recondução dos sintomas à sua origem.

H: Por que então ele chama uma recondução de análise?

P: Em analogia com análise química que também retrocede aos elementos.

H: Tratar-se-ia, então, de uma recondução aos elementos no sentido de que os dados, os sintomas são decompostos em elementos na intenção de explicar os sintomas pelos elementos assim obtidos. A análise no sentido freudiano seria, pois, uma recondução no sentido da decomposição a serviço da explicação causal.

Entretanto, nem toda recondução a um de onde do ser e existir precisa ser uma análise no sentido que acabamos de citar. Nem nas obras de Freud, nem em sua biografia escrita por Jones, encontra-se qualquer trecho que explique porque Freud escolheu justamente esta palavra, *análise*, como título de sua tentativa de pesquisa teórica.¹⁵

Essa última afirmação de Heidegger é surpreendente não apenas porque não corresponde à verdade (?)¹⁶, mas porque insinua que existem outras formas de fazer uma análise do homem, mais profunda do que aquela freudiana, como a que ele realizou em *Ser e Tempo*. Palavras de Heidegger:

a questão que surge necessariamente, de quem ou o quê e como é o homem é tratada em *Ser e tempo*, exclusiva e constantemente, a partir da questão do sentido do ser.

Com isso já está decidido que a questão do homem em *Ser e tempo* não é colocada na forma de uma Antropologia que pergunta: o que é o homem propriamente? A questão do homem em *Ser e tempo* leva à analítica do Dasein.

O que é, então, o fator decisivo nesta analítica do Dasein?

Não se retrocedem, como fazia Freud, os sintomas aos elementos. Antes se pergunta por aquelas determinações que caracterizam o ser do Dasein com referência à sua relação com o ser de modo geral.¹⁷

A análise do Dasein não remete a uma decomposição, mas a um retroceder, a um reconduzir, um articular a unidade de uma estrutura,¹⁸ sem contar que os elementos que a compõe não são princípios ou forças, mas modos de ser do *Dasein*.¹⁹

É por essa razão, por exemplo, que Heidegger pode criticar a explicação freudiana dos “atos falhos”.

No texto de Freud sobre atos falhos, por exemplo, tais suposições são *aspirações* e as *forças*. Estas supostas aspirações *provocam e efetivam* os fenômenos. Então os atos falhos podem ser explicados de uma ou outra forma, isto é, podem ser *provados em sua origem*.²⁰

Em suma, para Heidegger a explicação causal ou a regressão exigida por Freud leva a considerar que: “só é real e verdadeiro aquilo que pode ser subordinado a ininterruptas conexões causais de forças psicológicas, na opinião de Freud”.²¹ Se, porém, admitirmos naturalmente que “ser = conexão causal calculável de antemão. Nesta premissa também o homem é colocado como um objeto causalmente explicável”.²²

Ora, os *Seminários* se abrem com um gráfico meio esquisito – vários semicírculos e setas orientadas em sua direção – e com as seguintes palavras: “A finalidade deste desenho é apenas mostrar que o existir humano em seu fundamento essencial nunca é um objeto simplesmente presente num lugar qualquer, e certamente não é um objeto encerrado em si”.²³ O *Dasein* é um ser aberto, uma “clareira”, uma imagem que “nada tem a ver com luz [*Licht*] – nos diz Heidegger – mas vem de ‘leve’ [*Leicht*] (...) tornar livre.”²⁴

O que pensar dessas críticas?

É preciso reconhecer, como diz um dos interlocutores de Heidegger, que “Freud queria transferir a causalidade das ciências naturais para o psíquico. Chegou assim à idéia de um aparato, de uma concepção mecanicista”.²⁵

De fato, ao situar sua teoria na seqüência dos golpes anteriores desferidos contra o narcisismo humano pela teoria copernicana e darwiniana, Freud quer mostrar que o homem não é “senhor na sua própria casa”, não é um ser de exceção dentro do universo.²⁶ Para dizer essa revolução psicanalítica ou descentramento da consciência para o Inconsciente e o mundo das pulsões, Freud se utiliza de modelos e conceitos teóricos retirados da física, química, biologia e neurofisiologia do seu tempo. Essa explicação teórica (metapsicologia) está na origem de várias e conflitantes interpretações que se sucederam ao longo do primeiro século da psicanálise. Encontram-se registradas tanto na literatura psicanalítica quanto psiquiátrica e filosófica.

As divergentes interpretações se justificam porque há, de fato, um desejo de saber em Freud que deve ser situado e compreendido dentro de um projeto científico quanto não científicista. O ponto de partida é de um médico, um mediquinho dirá Lacan, que fazia o que podia para o que se chama de cura. E como todo médico, na seqüência da moderna concepção de homem que herdamos de Descartes, considera o corpo como uma máquina. A prática clínica, porém, o confronta com o enigma do corpo da histérica que desafia o saber médico da época. Para dar conta desse fenômeno, teoriza a respeito da estrutura e funcionamento de um aparelho psíquico, isto é, de uma máquina desejante, produtora de sonhos, sintomas, tiradas espirituosas, atos falhos e sintomáticos e adota um novo método de tratamento: a cura pela fala. Para Lacan, a descoberta freudiana da *talking cure* é prometéica na medida em que revela aos homens o poder da fala e da linguagem ao mesmo tempo que pretende ensinar-lhes o emprego desse poder.

Em suma, o desafio e drama de Freud é como inscrever sua prática, que lida com a dor, o sofrimento, o amor, a sexualidade, a neurose, a loucura, o humor, a morte, numa palavra, as contingências do existir humano, no horizonte de um saber científico. Depois de renunciar a um projeto inacabado e inviável

– O *Projeto para uma psicologia científica*²⁷ – fará também o luto de uma psicanálise científica, especialmente ao reconhecer a pulsão muda da morte e reconhecerá, em *Análise terminável e interminável*²⁸ – os limites da ‘cura’ psicanalítica. Conservará sua fé, porém, no deus *logos*, o deus da ciência, mesmo que, como Cronos que devora seus filhos, pode acabar com sua filha predileta – a psicanálise- devido ao avanço das pesquisas na área do cérebro e da química.²⁹

Considerações finais

É inquestionável que ambos, tanto Heidegger quanto Freud, marcaram – cada um a sua maneira – o século que findou. E verdade, também, que – a despeito das aproximações possíveis – existem claras divergências teóricas.

Ao final desse rápido e pontual confronto entre essas duas construções teóricas para dar conta da existência humana, assim como é possível reconstruí-lo a partir dos *Seminários de Zollikon*, resta uma pergunta incontornável: o que fazer com essas duas heranças?

Apresento apenas algumas considerações prévias que é preciso ter presente para ensaiar, numa outra oportunidade, uma resposta.

Antes de tudo é preciso não se deixar fascinar pela linguagem desses dois pensadores e se alienar na idolatria de suas fórmulas.

Mais do que a linguagem esotérica ou cientificista de um e do outro, a primazia deve ser dada à mensagem que elas carregam, isto é, à problemática geral e específica que abordam e às saídas que propõem.

Sondar até que ponto podemos ficar com as duas construções teóricas, sem sucumbir à sofisticada linguagem contemporânea disposta a reduzi-las a um mero ‘jogo de linguagem’.

Mesmo não renunciando a nenhuma delas, porque ainda nos podem ser úteis, é preciso dar algo de si no recebimento dessas heranças, atentos ao nosso contexto cultural contemporâneo.

Nesse sentido, devemos esperar pelo deus dos poetas (Heidegger)³⁰, apenas torcer para que o divino Eros leve a van-

tagem sobre o não menos imortal Thanatos (Freud)³¹ ou podemos e devemos construir nossa própria mitologia?

Resumo

As críticas à concepção do sujeito moderno aproximam a ontologia fundamental de Heidegger da metapsicologia de Freud. Segundo Heidegger, no entanto, a análise freudiana do psiquismo mantém-se aprisionada à metafísica ocidental. Este artigo aponta semelhanças e diferenças entre as análises desses dois autores, questionando também o destino das heranças deixadas por eles.

Résumé

Les critiques à la conception du sujet moderne rapprochent l'ontologie fondamentale de Heidegger et la métapsychologie de Freud. Selon Heidegger, l'analyse freudienne du psychisme reste enchaînée à la métaphysique occidentale. Cet article montre les accords et désaccords entre ces deux auteurs tout en réfléchissant sur le destin de l'héritage qu'ils nous ont légué.

Notas

- ¹ HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon* [1965]. S. Paulo: Educ/Petrópolis: Vozes, 2001. (Editor: Medard Boss). p. 200.
- ² FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 193.
- ³ A citação completa: "A clareira nunca é mera clareira, mas sempre clareira do esconder-se. Clareira do esconder-se quer dizer em sentido apropriado: que o inacessível mostra-se em sua inacessibilidade, torna-se evidente. E isto pode significar por sua vez: pura e completamente inacessível ou momentaneamente inacessível para mim.". HEIDEGGER, 2001, p. 200.
- ⁴ Uma análise mais abrangente dos *Seminários de Zollikon* se encontra no artigo de LOPARIC, Z. Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. Disponível em: <http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/alem-definitivo1.doc>. Acesso em: 26.12.2003.

- ⁵ É supérfluo lembrar que para Heidegger “A ciência como tal não é rejeitada, de nenhuma maneira. Só a sua pretensão ao absoluto, ao ser parâmetro de todas as verdades, é julgada pretensiosa”. Ibidem, p. 36.
- ⁶ Cf. ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 108
- ⁷ ROUDINESCO, E.; PLOM, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 10.
- ⁸ HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Op. Cit., p. 10.
- ⁹ Ibidem, p. 11.
- ¹⁰ Ibidem, p. 85.
- ¹¹ Cf. LOPARIC, Z. *Psicanálise: uma leitura heideggeriana*. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n.1, p.25-41, mar. 1998,
- ¹² HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Op. Cit., p. 158-159.
- ¹³ Numa carta a M. Boss de 4.12.1966, Heidegger acusa o recebimento dos *Escritos* de Lacan, mas confessa que no momento não consegue ler esse texto evidentemente barroco. (p.291). Alguns meses mais tarde, na carta de 24.04.1967 escreve ao amigo: “Estou enviando juntamente uma carta de Lacan – está parecendo que o psiquiatra necessita de psiquiatra” (p. 292).
- ¹⁴ HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Op. Cit., p. 48.
- ¹⁵ Ibidem, p. 139-140.
- ¹⁶ Cf. FREUD, S. *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Vol. XVII da ESB, p.202. Nesse pronunciamento de Freud, no 5º Congresso Internacional (Budapest, 1918), são mostradas as analogias existentes entre o trabalho analítico e o dos químicos.
- ¹⁷ Ibidem, p. 146-147.
- ¹⁸ Ibidem, p. 141.
- ¹⁹ Cf. LOPARIC, Z. *Heidegger réu?* Campinas: Papirus, 1990, p. 235.
- ²⁰ Ibidem, p. 34-35
- ²¹ Ibidem, p. 36.
- ²² Ibidem, p. 36.
- ²³ Ibidem, p. 33.
- ²⁴ Cf. ibidem, p. 41.
- ²⁵ Ibidem, p. 48.

- ²⁶ FREUD, S. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Vol. XVII da ESB, p. 171-179.
- ²⁷ FREUD, S. *O Projeto para uma psicologia científica*. Vol. I da ESB.
- ²⁸ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII da ESB.
- ²⁹ Cf. FREUD, S. *Dois verbetes de psicanálise*. Vol. XVIII da ESB, p. 304.; cf., também, *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Vol. XIV da ESB, p. 95.
- ³⁰ Cf. Entrevista de Heidegger concedida ao *Der Spiegel*
- ³¹ Cf. final de *O mal-estar na civilização*.

Referências

- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon* [1965]. S. Paulo: Educ./Petrópolis: Vozes, 2001. (Editor: Medard Boss).
- _____. *Entrevista de Heidegger concedida ao Der Spiegel*
- FREUD, S. *O Projeto para uma psicologia científica*. Vol. I da ESB.
- _____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Vol. XIV da ESB.
- _____. *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. Vol. XVII da ESB.
- _____. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Vol. XVII da ESB.
- _____. *Dois verbetes de psicanálise*. Vol. XVIII da ESB.
- _____. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII da ESB.
- _____. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LOPARIC, Z. *Heidegger réu?* Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. *Psicanálise: uma leitura heideggeriana*. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 25-41, mar. 1998.
- _____. *Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise*. Disponível em: <http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/alem-definitivo1.doc>. Acesso em: 26.12.2003
- ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ROUDINESCO, E.; PLOM, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.